

# MORTE E CRIANÇA<sup>1</sup>

DEATH AND CHILD

MUERTE Y NIÑO

Estelina Souto do Nascimento \*

Antônia Matilde Maciel \*\*

Virgínia Mascarenhas Nascimento Teixeira \*\*\*

Rosane Geralda do Nascimento \*\*\*\*

## RESUMO

A morte de uma menina levou-nos a refletir sobre nossas experiências com crianças e com a morte. Os colegas de classe da menina, espontaneamente, organizaram-se e fizeram uma manifestação de pesar durante o velório e o sepultamento, embora não contassem com o apoio da maioria dos pais. Parece que é comum, entre adultos, o comportamento de negar a morte para as crianças. Como, no cotidiano, elas vivem a morte? Qual o significado da morte para elas? Tendo como foco essas interrogações, formulamos o objetivo deste trabalho: compreender o significado da morte para crianças escolares que vivenciaram a perda de uma colega. O discurso delas, à primeira vista, pareceu-nos de cunho estritamente religioso. Após várias leituras, novas interpretações foram possíveis, descortinando outros significados inerentes à existência humana.

**Palavras-chave:** Morte; Atitude Frente a Morte; Relações Pais-Filho; Comportamento Infantil

Nossa atuação como professoras e enfermeiras colocou-nos, ao longo dos anos, em contato com a vivência da morte, despertando-nos para esse fenômeno. Nosso interesse esteve voltado para o adulto, foco das experiências nas disciplinas ministradas no curso de graduação em Enfermagem. Até então, buscávamos aprofundar os estudos e a reflexão sobre a assistência ao paciente em fase terminal e nos aplicávamos ao ensino deste tópico na disciplina Fundamentos de Enfermagem.

O interesse pela criança adveio de nossa experiência como professora primária e se ampliou por caminhos diversos: uma, como mãe de duas crianças, e outra, pelo desenvolvimento de pesquisas com crianças escolares. Embora esteja longe a experiência como professora primária, não nos afastamos da criança escolar, tanto que a ocorrência de um atropelamento, seguido da morte de uma criança, levou-nos a refletir sobre nossas experiências com crianças e com a morte. Ambas as coisas, que, até então, haviam sido experimentadas de forma isolada, apresentavam-se reunidas e nos atraíam para uma tentativa de sua compreensão.

A criança era do sexo feminino, tinha 8 anos de idade e frequentava a 2ª série do 1º grau. Pelo relato de uma das colegas

de classe, pudemos perceber que, no momento em que as crianças receberam a notícia, houve forte emoção, expressa em choro, em desejo de ir ao velório e ao sepultamento da colega. Da discussão sobre o acontecimento, participaram todas as crianças, e não lhes foi negada nenhuma informação sobre o acidente. Apesar de sua pouca idade, elas se organizaram para manifestar seu pesar aos familiares da colega. A iniciativa surpreendeu professores e familiares.

Muitos pais reagiram contra o desejo dos filhos de ir ao cemitério, e não os levaram nem ao velório, nem ao sepultamento. Pudemos compreender essa recusa graças à nossa experiência com o morrer. Percebemos, ao longo de anos de trabalho, que grande número de pessoas nega a morte, tem dificuldade de com ela conviver. Em se tratando de crianças, parece que a dificuldade aumenta, uma vez que os adultos têm o poder de decidir por elas. Se estes negam a morte para si próprios, vão negá-la, também, para as crianças. Informações sobre a morte são, muitas vezes, omitidas, com a alegação de que as crianças não têm maturidade suficiente para compreender a perda de um ser amado. Afinal, a perda de um ser amado é perda de parte de si próprio.

<sup>1</sup> Pesquisa realizada com apoio do PRPq - UFGM e do CNPq.

\* Enfermeira, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, coordenadora do Núcleo de Pesquisas e Estudos sobre Quotidiano em Saúde- NUPEQS-MG.

\*\* Enfermeira, mestre em Enfermagem, professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais.

\*\*\* Enfermeira, bolsista de Aperfeiçoamento Atividade de Pesquisa-CNPq.

\*\*\*\* Estudante de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, bolsista de Iniciação Científica-CNPq.

Apesar das tentativas de evitar que as crianças tenham contato com o fenômeno, não há dúvida de que elas têm múltiplas formas de descobri-lo, ainda que não interroguem diretamente os adultos ou estes se esquivem de fornecer respostas às perguntas formuladas. *Antes de mais nada, é muito importante deixar a criança fazer perguntas ou manifestar-se através de gestos ou brincadeiras. O silêncio pode ser mais confortável para o adulto, mas para ela é prejudicial, na medida em que seu sofrimento pode passar despercebido.*<sup>1</sup>

Buscando um melhor entendimento de nossas dúvidas e inquietações, consultamos a literatura sobre morte e criança: encontramos estudos voltados muito mais para crianças que vivenciam a proximidade da própria morte do que para crianças que vivenciam a morte do outro.

Portanto, com base em nossa experiência, em nossas dúvidas e havendo consultado a literatura sobre o assunto - que, aliás, não nos ofereceu subsídios suficientes para a compreensão do fenômeno -, levantamos algumas interrogações: até que ponto a morte é desconhecida das crianças? o que elas conhecem da morte? qual o significado da morte para elas?

A partir de nossas indagações, decidimos buscar, junto a essas crianças que vivenciaram a morte de uma colega de classe, compreensão sobre o significado que elas atribuem à morte do outro. Antes, porém, de tentar alcançar essa compreensão, buscamos refletir sobre o que alguns pensadores e pesquisadores disseram sobre esse tema. As leituras suscitaram reflexões muito além do que é possível neste trabalho mostrar. Esta é, portanto, a síntese que foi possível apresentar, sem a intenção de esgotar o assunto, mas de levantar fundamentos importantes para o entendimento do fenômeno em estudo.

Nossas primeiras leituras sobre o tema ocorreram durante o curso de graduação em Enfermagem, período em que estudamos a obra de Kubler-Ross<sup>2</sup>. Por longo tempo, essa foi a obra de referência para os profissionais de saúde. Com o passar dos anos, novos estudos foram sendo feitos, e hoje temos um volume considerável de publicações na área. Há que se destacar o trabalho intitulado *A Morte e o Morrer*<sup>3</sup>, de Magali R. Boemer, enfermeira, professora e pesquisadora. É um trabalho notável tanto pelo tema - a morte - quanto pelo método de abordagem - a fenomenologia. Em 1996, foi publicado por um grupo de enfermeiras<sup>4</sup> o livro *Ritos de Morte na Lembrança de Velhos*; a obra tenta resgatar o conhecimento dos rituais fúnebres, que se vêm modificando com a morte hospitalizada. A produção sobre o tema, no momento, é bastante extensa, tanto na área da saúde como em outras áreas de conhecimento. Vários autores refletem sobre a morte considerada como fenômeno estreitamente ligado à vida.

Segundo Simmel, *nossa concepção da vida e nossa concepção da morte são dois aspectos de um só e mesmo comportamento fundamental*<sup>5</sup>. Para ele, a distinção entre um corpo inorgânico e um corpo orgânico se dá pela forma de um e de outro, que estabelece limites para cada um. No primeiro caso, a forma é fixada externamente; no segundo, internamente, pelo próprio corpo, que vibra. Isto significa que o ser vivo, diferentemente do inanimado, não necessita de um elemento externo

para fixar o seu limite: a morte, ao colocar limite na vida, dá-lhe forma. Segundo o autor, para se compreender o significado da morte, é necessário, antes, livrar-se da idéia de que vida e morte são separadas. Para ele, a vida está sempre de acordo com a morte e é constantemente determinada por ela (...). Ao fixar limite para a vida, a morte dá coloração a todos os conteúdos e instantes vividos; pode-se dizer que ela é a vida da vida.

Para Simmel, todos os movimentos da vida têm dupla interpretação: pulsão de vida ou fuga da morte. Para exemplificar, ele utiliza uma imagem: o caminhar dentro de um barco, no sentido contrário ao da direção em que ele navega, ou seja, não adianta fugir da morte, pois, como ser vivo, o homem para ela se dirige desde o nascimento. Em suma, para ele, é a morte que modela a vida; por conseqüência, vida e morte encontram-se em um mesmo nível.

Enquanto a maioria das pessoas evita discutir sobre a morte, para os profissionais de saúde a morte do outro é parte do cotidiano. Apesar disso, eles, muitas vezes, também têm dificuldade nesse sentido, pois a morte do outro projeta, para eles, a sua própria finitude. Talvez por desconhecerem os próprios sentimentos, a morte de um paciente pode significar, para esses profissionais, impotência, frustração e derrota. Sua formação se baseia em conhecimentos que cultuam apenas a vida, numa verdadeira separação entre vida e morte.

Sobre o desenvolvimento da Medicina em relação à morte, Thomas ensina que *tudo acontece como se a acumulação de técnicas da pesquisa apenas viesse reforçar o mistério: se a morte existe, se ela se deixa reconhecer, nós estamos longe, cientificamente, de saber o que ela é*.<sup>6</sup> O avanço da ciência e da tecnologia também muito tem contribuído para reforçar a visão de que temos de *dominar* a morte. No entanto, não há o que dominar; há que se compreender, como descreve Heidegger<sup>7</sup>. Para ele, a morte vista como possibilidade não é um manual, nem algo simplesmente dado, mas uma possibilidade que significa deixar de viver, e uma atitude para essa compreensão seria *pensar na morte*. A dificuldade parece residir no pensar na morte como uma possibilidade, pois todos os estímulos que recebemos durante o viver são em sentido contrário, ou seja, *pensar na vida* e procurar esquecer que a morte acompanha a existência.

Apesar da evidente expansão dos estudos sobre o tema, não se percebe um desenvolvimento suficiente de pesquisas e estudos que tenham como foco a criança. Entre as publicações consultadas, encontramos algumas que tratam da criança,<sup>8,9,10</sup> todavia, não encontramos nenhuma que buscasse compreender o significado da morte para as crianças.

A morte, para a maioria das crianças, embora não seja uma presença em sua vida, está cada vez mais presente: *mesmo antes de sua chegada, ela é uma presença ausente*<sup>11</sup>. Paradoxalmente, ela se mostra para a criança, principalmente, na diversão. É abordada diretamente, como tema, ou indiretamente, por meio de histórias de tradição oral, literatura, jogos, filmes. É, quase sempre, o mocinho destruindo o bandido, o bem vencendo o mal. Nessas produções, quase que invariavelmente, há uma pessoa perseguindo outra para matá-la.

A luta é o tema principal nas máquinas de *fliperama* e em *vídeo games*; implica a derrota de alguém, que passa a uma situação de desvantagem até ser destruído pelo adversário. A luta ganhou os computadores. O mercado de games está repleto de jogos em *CD-ROM* com recursos de som e imagens digitalizadas de atores. Esses jogos tanto podem simular uma batalha ambientada na Idade Média como lançar o jogador no futuro, pela ficção científica. A meta é uma só: matar, quer um feiticeiro que pretende dominar o mundo, quer os ocupantes de uma nave inimiga.

O *Mortal Kombat 2*<sup>12</sup> é um exemplo esclarecedor. Traz várias opções de jogos, e a pessoa assume o papel de um dos lutadores. Depois que conseguir dominar a situação, o jogador-lutador terá que escolher a forma como irá matar o adversário: poderá incendiá-lo ou arrancar-lhe partes do corpo; dessa forma, irá provocar uma explosão de sangue na tela.

Diatkine, em entrevista a Altman, diz que as crianças gostam de histórias com temas os mais angustiantes da humanidade; entre eles, a morte. Para ele, essa angústia é tratada nas histórias por meio de um jogo, possibilitando que a criança aprenda a controlar seus medos e suas emoções. É uma forma de protegê-la: *dominada, a angústia da morte se torna um momento de alegria*.<sup>13</sup>

O seguinte texto foi publicado no caderno infantil do jornal Diário do Nordeste<sup>14</sup> e é, também, bastante esclarecedor:

#### *Brincando no cemitério*

*Ryann Barreto, de 5 anos, foi com seus pais para o velório de um parente. Ficou muito impressionado com tudo e fez muitas perguntas.*

*No dia seguinte, sua mãe sentiu falta dele e foi procurá-lo no quintal:*

*- O que você está fazendo? - perguntou a mãe.*

*- Brincando de cemitério. - respondeu Ryann, enterrando o boneco dentro de uma caixa.*

Vários contos tradicionais tratam desse tema. Em *João e Maria*<sup>15</sup>, clássico dos Irmãos Grimm, filhos de lenhadores se perdem na floresta e são aprisionados por uma bruxa que os alimenta abundantemente para engordá-los e, posteriormente, comê-los. Em contos de Andersen, como *A Sereiazinha*<sup>16</sup> e *Branca de Neve e os Sete Anões*<sup>17</sup>, a morte é enfocada de duas maneiras diferentes. Na primeira história, a pequena sereia, ao se apaixonar pelo príncipe, pede a uma feiticeira que a liberte da sina das sereias - vivem 300 anos e tornam-se espuma ao morrer -; ela prefere viver menos e ter a alma imortal. Na segunda história, a mãe de Branca de Neve morre, deixando-a órfã. O pai se casa com uma mulher malvada, que tenta matá-la a todo o custo, embora sem sucesso.

Na literatura moderna, o tema da morte é explorado em livros como *Eu vi mamãe nascer*<sup>18</sup>. É uma história triste, em que o autor analisa as reações de uma criança diante da morte da mãe, depois que seu pai lhe revela, pouco a pouco, a mecânica da vida e da morte.

*Em Por que vovó morreu?*<sup>19</sup>, a personagem Heidi, diante da morte da avó, busca respostas para muitas perguntas. É um livro que trabalha o delicado tema da morte, considerando-a uma consequência natural da vida.

*Gasparzinho, o Fantasma da Camarada*, há cinco décadas vem divertindo as crianças. É um fantasma que, em vez de assustar as pessoas, tenta seduzi-las: gostaria de ter amigos, porém não consegue, devido ao medo das pessoas. *Gasparzinho* surgiu em quadrinhos, na década de 40; na década seguinte, passou para o desenho animado e, agora, chega reatualizado ao cinema e consegue uma amiga<sup>20</sup>. Maurício de Souza criou, na revista *Turma da Mônica*<sup>21</sup> a turma do *Penadinho*, um fantasma que vive em um cemitério, cercado por *Dona Morte*, *Muminho*, *Zé Cavera*, *Cranicola* e outros. Nos desenhos animados da televisão, *Salsicha* e *Scooby-Doo* visitam castelos mal-assombrados, e *He-Man* tem como inimigo o *Esqueleto*.

Além desse contato indireto-proporcionado por formas de entretenimento dirigido às crianças -, o tema da morte perpassa de outros modos a vida delas, proporcionando-lhes contato direto com o fenômeno: morte por velhice, por acidente, provocada por ferimentos ou doenças, morte de plantas e animais de estimação, de parentes, de heróis. A morte de Ayrton Senna ou do grupo musical Mamonas Assassinas, por exemplo, trouxe, para muitas crianças, a percepção da perda e da finitude da vida. Em ambos os casos, ao contrário das personagens do mundo da ficção, tratava-se de pessoas da vida real.

#### • *Trajetória Metodológica*

Neste trabalho, propusemo-nos buscar a compreensão do fenômeno da morte vivenciado por crianças escolares, a compreensão existencial da criança escolar enquanto *ser-aí* vivenciando a morte de uma colega de classe. Para que isso se tornasse possível, foi necessário que as crianças falassem sobre a experiência vivida. O que foi expresso por meio de entrevista, de modelagem, de gestos foi partilhado pelos colegas de sala da criança morta; todos encontravam-se em um mesmo horizonte de compreensão.

Para que conseguíssemos aproximar-nos do significado do fenômeno para as crianças, tornou-se necessário que elas falassem dos significados que a morte do outro tem para elas. Para tanto, contatamos a administração da escola e, de posse da permissão para realizar o trabalho, marcamos um primeiro encontro, em que expusemos, de modo simples, nossas intenções e convidamos as crianças a participar do trabalho; todas quiseram; eram 29.

Devido ao número elevado, subdividimos as crianças em 2 grupos e marcamos encontro com cada grupo. Na segunda reunião, oferecemos massa de modelagem e propusemos às crianças uma atividade em conjunto: expressar, por meio de modelagem, o que significava a morte para cada uma delas. Uma pesquisadora ficou com o grupo, enquanto a outra fez entrevistas individuais com as crianças que haviam concluído seu trabalho, em um local reservado; a questão orientadora era:

O que significa a modelagem que você fez? O que significa a morte para você?

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Após leituras sucessivas, em que buscamos apreender o significado dos discursos, passamos a construir unidades de significado, agrupando numa mesma unidade temática os trechos dos discursos que continham conteúdos semelhantes. Ao final, construímos 9 categorias, configurando um novo texto. Na primeira leitura do material, o que mais sobressaiu, a nosso ver, foi um discurso marcado por forte conotação religiosa (cristã). Insistimos em sucessivas leituras, e o texto foi deixando à mostra outros significados.

Finalmente, após haver organizado os discursos segundo os temas, fomos buscar em alguns autores indícios para interpretar a fala das crianças. Não fizemos uma análise da obra dos autores, apenas lançamos mão de algumas de suas idéias para tentar interpretar o discurso infantil sobre a morte. Fato interessante ocorreu após já havermos extraído esses temas do discurso infantil: deparamos com dois textos. Um deles é um livro de 1686<sup>22</sup>, cujo discurso coincide grandemente com o das crianças - indício de que, na verdade, o significado da morte, no mundo ocidental, está fortemente marcado no ser humano, independentemente de tempo e idade. No outro texto<sup>11</sup>, de 1988, foi feita a mesma pergunta (o que a morte significa para você?) a um grupo variado de pessoas, de diferentes idades; os sentimentos e significados expressos aproximam-se muito dos que foram mostrados pelas crianças que entrevistamos. Segundo o autor, dois pontos de vista foram dominantes: um, em uma perspectiva filosófica, vê a morte como o fim natural do processo vital; o outro, em uma perspectiva religiosa, vê a morte como dissolução do corpo físico e começo de uma nova vida. Em síntese, apesar de nossa compreensão haver seguido uma ordenação mais diversificada, as crianças que entrevistamos falaram da morte colocando-a nesses dois pólos. É possível perceber, pela seqüência das categorias apresentadas a seguir, que o significado do fenômeno, para elas, vai de morte como experiência essencial da condição humana (sentido filosófico) até morte como encontro com Deus ou aprendizagem de novas vidas (sentido religioso).

A partir dessas categorias, oriundas da vivência das crianças, buscamos compreender o significado atribuído por elas ao fenômeno da morte. Buscamos interpretar o discurso infantil, utilizando, para tanto, autores em cujas obras há reflexão sobre a morte.

- *Morte: a fala da criança*

No discurso das crianças entrevistadas, o tema da morte aparece sob 9 aspectos, que, embora tenham nuances diferentes, não são totalmente distintos.

Inicialmente, tomamos como tema da fala das crianças a morte como experiência essencial da condição humana. Nesse sentido, o fenômeno faz parte da experiência existencial. A seguir, o discurso delas fala da morte como *pedaço da gente que vai embora*. Em outro momento, as crianças deixam ante-

ver o fenômeno como uma bênção: é a morte como alívio do sofrimento, sendo este presente ou possível; desse modo, ela é sentida como apaziguamento definitivo do sofrimento. Lado a lado com esse sentimento de alívio, ela é vivenciada como a *pior coisa do mundo*. As crianças, utilizando de simbologia, falam da morte como separação entre corpo e alma. Em vários momentos, elas se referem à morte como sentimento ambíguo; este pontua, em vários momentos, o discurso infantil. Ela, também, possibilita que se tome um novo rumo: é a morte como caminhada, uma viagem em direção à vida eterna. É um caminho de dupla direção, tendo estreita dependência com a vida terrena: quem viveu para o bem seguirá a via do bem, quem viveu para o mal trilhará a via do mal. As crianças falam, ainda, da morte como encontro com Deus ou entes queridos. Apenas uma criança fala da morte como aprendizagem de novas vidas.

Apresentamos, a seguir, nossa compreensão sobre o significado do fenômeno da morte para as crianças que entrevistamos. A letra inicial C refere-se a Criança e vem seguida de um numeral que identifica cada uma delas.

As crianças falam da morte como experiência essencial da condição humana. Mostram, em seu discurso, que se sabem mortais; é a experiência da morte do outro que lhes dá essa certeza. Diz a C8: *Se minha mãe morrer, meu pai morrer, eu também vou morrer, a gente não vive tanto tempo assim, não*. A C15: *A morte é uma coisa que tira a vida das pessoas e dá tristeza na gente*.

Bernardes e Heidegger falam da morte nesse sentido, como experiência essencial da condição humana, e, apesar de partirem de reflexões distintas - um é religioso; o outro, filósofo -, ajudam-nos a compreender o discurso infantil. Na *Meditação II*, Bernardes<sup>22</sup> fala da *morte como ponto necessário, que ninguém pode evitar: todo homem que vive há de morrer, por isso mesmo que vive e é homem*.

O tema central de *Ser e Tempo*, obra de Heidegger<sup>7</sup>, é a morte. Para o filósofo, o homem é um *ser para a morte*, que é experimentada como possibilidade da existência.

As crianças atribuem à morte o mesmo sentido da reflexão desses autores. Diz a C3: *É coisa da vida*. A C27: *É uma coisa que acontece com todos (ruim)*. Elas mostram, em seu discurso, que reconhecem a condição mortal do homem. Para C9, *a morte é um dia em que a vida acaba*.

Quando elas falam da morte como pedaço da gente que vai embora, o fenômeno é percebido não, propriamente, como a morte do outro, mas como ocorrência irreparável, um pedaço que vai embora. A C16 fala desse significado com extrema sensibilidade:

*Quando alguém morre, por exemplo, a minha avó já morreu, então meu coração partiu no meio, e um pedaço foi embora, e assim por diante, até acabar. Cada pessoa que morre vai uma parte embora, então, quando todas as pessoas morrem, aí o coração já não está maior, aí vai chegar uma última parte que, se morrer mais uma pessoa da minha família, depois de uns dias, eu morro também, porque eu vou estar sem coração, porque todas as partes foram embora*.

A morte é percebida como uma sucessão de perdas que culmina com uma última, que coincide com a própria morte. Cada perda é vivida como se fosse pela primeira vez, pois é sempre um pedaço do coração que vai embora, é uma parte da pessoa, de sua relação com a vida do outro que morre com ele.

Nessa mesma direção vai Montanari, quando diz que *uma parte da nossa vida acaba quando morre alguém querido*<sup>23</sup>. Para Thomas, quando alguém próximo a nós morre, a *perda é vivida como uma morte parcial e efetiva: ao morrer, o outro amputou um pedaço de minha vida que foi construída em torno da minha relação com ele*<sup>24</sup>.

Entendemos que as crianças, ao se referirem à morte em vida, estão falando de sua vivência não apenas em relação à morte da colega acidentada, mas também de um sentimento inerente ao ser humano: a sucessão de ausências que vão ocorrendo ao longo de sua existência.

Segundo a C21, *Deus deu pra gente o mundo inteiro*. Tal mundo, doado a nós, é simbolizado pelo coração. Ela completa, apontando a modelagem: *e aqui são os corações do mundo inteiro*.

As crianças fazem ligação entre morte, coração e cruz. A C22 mostra na modelagem *coleguinha morrendo (...) um coração partido, uma cruz com a coleguinha morrendo*. A C27: *uma cruz e um coração; que a cruz é onde Deus morreu, e o coração é de paz*.

O coração simboliza o centro vital: se, no vocabulário cristão, igualmente, o Reino de Deus se contém no coração, é que esse centro de individualidade, para o qual a pessoa retorna na sua caminhada espiritual, representa o estado primordial, inicial, o locus da atividade divina<sup>25</sup>. A criança simboliza o coração como sendo um pedaço de vida que é construído na relação com o outro, e, com a morte deste, o coração é partido, amputado. Portanto, na experiência da morte do outro, há morte de quem fica, um pedaço de sua vida deixa de existir.

A cruz, símbolo universal e totalizante, tem valor ascensional<sup>25,26</sup>. O simbolismo da cruz enriqueceu-se com o cristianismo: *com muita veneração e sobre seus olhos e cabeça deve ter qualquer Cristão seu sinal que é a Santa Cruz, pois morrendo com ela Cristo mostra Salvador, nos quis redimir e livrar do cativo eterno*<sup>27</sup>. Pelo simbolismo da cruz, podemos dizer que há estreita ligação entre morte e pecado. Nessa reflexão, temos o auxílio de Bernardes<sup>22</sup> que, na *Meditação I*, diz o seguinte:

*Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos vivos: antes criou o homem imortal, ou inextinguível; isto é, em estado que a alma não se apartasse do corpo, nem o corpo da face da terra para a sepultura: senão que em corpo e alma fosse a seu tempo trasladado para o Céu. Porém pecando o primeiro homem, pelo pecado entrou no mundo da morte, e assim passou a morte a todos, porque passou também o pecado.*

A cruz é signo de Jesus Cristo, crucificado e sacrificado para salvar a humanidade do pecado: a cruz é onde Deus morreu. Em seu discurso, as crianças atribuem à morte significado de alívio do sofrimento, como possibilidade de ultrapassar a

cruza mundana, eleita como forma de paz definitiva, porque põe fim ao sofrimento a que está sujeito o ser humano. A morte é percebida como etapa da bem-aventurança, passagem para a redenção. Nesse sentido, ao contrário de ser desprezível, é desejada, querida, fonte de felicidade.

Diz a C9: *A minha irmã, ela morreu, ela tinha de morrer para ela não sofrer na vida. Foi minha primeira irmã, a A., então, quando ela nasceu, o cordão umbilical enforcou ela, então ela teve de morrer por causa que ela ia sofrer, ela era parálitica, não falava, não via, não ouvia, ia sofrer, então, por isso, foi melhor a morte para ela e deve ser pra gente, é boa pra gente.*

Diz a C3: *Ah, se eu morresse, né, eu me sentiria feliz porque eu ia para o céu e também a morte não é a pior coisa assim não, também é uma coisa boa; porque lá no céu a gente não tem mais irmã que briga com a gente, porque eu não gosto de brigar, e lá em casa tem muita coisa dessa assim, né, e também a morte, também é uma das melhores coisas da vida. Não dá para mim explicar se ela é boa ou é ruim.*

Segundo Thomas<sup>28</sup>:

*A meditação sobre a morte (sobretudo dos cristãos) encaminha a uma meditação sobre Deus: a vida só tem valor após a morte, ela decide a sorte dos vivos. A vida é somente um caminho de cruz que não se justifica por si própria mas unicamente após a morte.*

Em seu discurso, as crianças expressam desde sentimento de felicidade pela possibilidade da própria morte até a visão do fenômeno como sendo a pior coisa do mundo.

Diz a C11: *Para mim, a morte é a coisa pior que já conheci, é ruim para a gente, né, pros outros não, porque aqui, na Terra, quem tá vivo pode ver as bobearas que os outros faz, as pessoas que não respeitam a vida, que bebe e sai andando desembestado aí, com carro e tudo mais. Para mim, a morte eu acho que não devia existir. Para mim, a morte é uma coisa terrível, eu sinto uma coisa assim, eu sinto assim do jeito que a M.M. falava com a gente, do jeito que ela corria, ela era gordinha, né, ela corria devagarzinho, aí me dá assim uma vontade de chorar, então é muito ruim.*

Diz a C29: *Morte é ruim, porque é ruim pra gente que não morreu ainda ver alguém morrendo, porque aí sai da Terra, a gente não pode ver mais assim igual tô te vendo. A morte é ruim por isso.*

A morte, essa *pior coisa do mundo* a que as crianças fazem referência, é tristeza, é nunca mais poder conversar, brincar, ver a pessoa. É um sentimento de perda: *é ruim porque a gente perde a pessoa*. Nesse mesmo sentido, Montanari<sup>23</sup> diz que *sempre que morre uma pessoa da família, um amigo, ou um*

*namorado, ficamos tristes porque sabemos que não vamos mais poder conversar, abraçar e até brigar com essa pessoa.*

O discurso de Montanari<sup>20</sup>, aplicado à criança, diz o mesmo que as crianças desse estudo. Parece-nos que esse é um forte indício de que crianças e adultos percebem a morte como experiência que rompe com a possibilidade do encontro com o outro no mundo, advindo tristeza e sentimento de que a morte é a *pior coisa do mundo*.

Bernardes<sup>22</sup>, na *Meditação V*, fala *Da morte enquanto apartamento. Três golpes juntamente executa a espada da morte: o primeiro aparta o homem das coisas deste mundo; o segundo aparta-o das pessoas; o terceiro, aparta-o de si mesmo, dividindo a alma do corpo*. Complementando esse pensamento e ajudando-nos no entendimento do discurso infantil, Menahem<sup>29</sup> diz que a morte do outro é obscena - de mau agouro -, pois lembra a quem fica que não é imortal.

Utilizando símbolos, as crianças falam da morte como separação entre corpo e alma.

Diz a C12: *A M.M. no caixão. Ela está morta.*

A C28: *Da esquerda - caixão. Da direita - uma cruz... A pessoa quando morre fica no caixão, a cruz é de rezar para as pessoas.*

A C25: *Então, eu desenhei uma cruz com o cara dentro do caixão, enterrando ele, caixão com rodinha.*

Caixão, coroa de flores, cruz são adereços que mascaram, escondem, desviam a atenção da carne tomada como puro objeto, privada de vida e sujeita a putrefação, ao escoamento de humores pútridos. Diz a C14: *um caixão, a cruz em cima do caixão. A cruz é M.M. A C15: uma coroa de flores, que é uma lembrança das pessoas que dão. É um caixão. E aqui é uma pessoa chorando, é onde é o velório. Diz a C13, referindo-se à modelagem feita: É que a M. tava dentro de um caixão. É que ela está morta, e tá morta é quando a pessoa não pode mais falar, conversar com as pessoas.*

Caixão é envoltório, é máscara. Designa troca e vale pelo que protege ou esconde (a putrefação da carne). Ele permite a troca do ser para o não ser, do vivo para o morto. É assim que o caixão disfarça, mascara. Desvia a atenção para o invólucro. É forma de circunscrição: elimina a sujeira da morte e delimita a impureza do cadáver em seu interior.

Após a morte, o corpo passa de vivo a sem vida, passa a ter a *forma que o limita*<sup>5</sup>, e essa é determinada de fora. O corpo passa, assim, a obedecer às influências ligadas ao processo de deterioração da carne, fixando outras formas a esse corpo. Enquanto corpo vivo, ele próprio determina, de dentro, sua forma. O corpo não vivo, ao contrário, precisa de um terceiro para lhe dar forma.

Para Thomas<sup>28</sup> *o que o homem mais recusa (...) é a decomposição da carne que indica irrecusavelmente a dissolução do ser*. O discurso das crianças é rico em pistas dessa recusa da morte. Além de o morto (ou de a morte) estar contido(a) no cai-

xão, este é trancado. Diz a C20: *aqui é o caixão trancado com o cadeado para ninguém quiser abrir.*

A frase caixão, um muro no lugar que vai ser enterrado, da C24, traz à luz um conjunto de contenções que buscam encerrar a morte em compartimentos que se sucedem. Começa no caixão, passa para o muro que cerca o cemitério e termina na entranha da terra. Esta, além de esconder, consome o corpo. Este, separado da alma por meio da morte, ao pó retornará.

Na *Meditação IX*, Bernardes fala da morte como separação entre corpo e alma: *Da morte enquanto ausência da alma a respeito do cadáver: e da jornada deste à sepultura*<sup>22</sup>. Para o autor, corpo e alma, separados pela morte, seguem caminhos distintos. A alma caminha para a eternidade.

*O corpo começa a caminhar a toda pressa para a corrupção, em demanda de sua terra, de que foi formado (...) E porque os vivos não podem aturar a sua companhia, lhe dão mais pressa a isso, enterrando-o; como se lhe estiveram dizendo aquilo de Isaías: Acaba já de entrar debaixo de uma campa, e esconde-te na terra dessa cova.*

Na idéia de terra, está contida a imagem de absorção. Como princípio de absorção, a terra é o túmulo, tem o sentido de consumir - esgotar, fazer esquecer, apagar. Como ventre - cavidade, interior, âmago -, tem o sentido de nutrir, fecundar. Nessa dupla imagem, está contida a ambivalência contraditória: morte e ressurreição. Essa ambivalência encontra formulação no discurso da criança C9, que diz: *significa a vida da M. M., aqui ela tá no caixão, aqui ela tá lá no céu sorrindo pra gente.*

O discurso das crianças mostra, em vários momentos, a morte como ambigüidade de sentimento. As falas apresentadas a seguir mostram quanto as crianças ficam divididas entre a possibilidade de, com a morte, irem para junto de Deus e a de permanecerem vivas e ficarem com as pessoas. Dessas, a mãe é a mais citada.

Diz a C2: *A morte, às vezes, é boa e, às vezes, é ruim, porque, quando a gente morre, a gente vai para o céu, pode ver Deus, e, quando a gente tá vivo, não pode. Agora, o ruim é que a gente não pode ficar vendo a nossa mãe quando a gente tá morto, e tudo na vida é bom.*

A C4: *A morte, para mim, é uma coisa boa porque a gente fica junto de Jesus. Jesus fica perto das pessoas, mas aqui embaixo, perto delas, também existe a mãe, e a mãe da gente fica muito triste com a morte da gente.*

Para a maioria das crianças, a morte provoca um sentimento ambíguo: é boa e ruim ao mesmo tempo. Boa porque aproxima de Deus, e ruim porque separa da mãe, daqueles que elas amam. O retorno ao Pai com a possibilidade de ressurreição confere à morte um sentimento ambivalente: ausência, sim, mas também paz e esperança de uma vida eterna. O retorno ao Pai possibilita a paz, mas a separação da mãe traz ansiedade, tristeza, saudade. Enquanto a separação da mãe é sentida

como dolorosa, há a antevisão, a esperança do reencontro com Deus, Pai eterno.

No seu discurso, as crianças oscilam entre o valor conferido pela fé cristã de que *a vida só tem valor após a morte* e o prazer de desfrutar o estar-no-mundo com a mãe.

A C7 diz que sua mãe é espírita e fala que *lá a vida é eterna, e aqui é só uma passagem*. Apesar dessa afirmação, mostra, também, sua dúvida em frases como *a morte é um pouco boa e a morte é muito ruim não*.

Thomas<sup>9</sup>, ao analisar a toaleta funerária, fala da morte como passagem. Para ele, *A crença em outra vida, que caracteriza a atitude religiosa, implica que a morte é uma passagem; e tal passagem, como o nascimento ou iniciação, não pode se efetuar sem uma renovação do impetrante*.

A ambigüidade de sentimento das crianças no que se refere à morte pode ser mais bem compreendida por outra fala de Thomas. Diz ele que *raros são os que se contentam de uma não-existência total; há sempre alguma esperança de prolongamento do ser que habita nossos contemporâneos, mesmo entre aqueles que se dizem materialistas*.

Em seu discurso, as crianças dão significação à morte enquanto caminhada. Ela é percebida como um caminho que pode seguir a direção tanto do bem como do mal. Nesse caso, a percepção do fenômeno está ligada à experiência do tempo. Na caminhada para a vida eterna ou na condenação ao inferno, há supressão do tempo: a tão buscada eternidade é, finalmente, alcançada.

Diz a C9: *E a gente tem que ir caminhando, um caminho que pode ser para o bem ou para o mal, a gente pode ir para a vida eterna abençoada ou a gente pode ir para a vida para o mal, para a vida que a gente vai ser condenada pelas nossas ruindades*.

A C10: *Uma pessoa morrendo de acidente de carro, aí ela foi para o céu. A morte é o caminho da vida eterna, agora aquele que fez mal na Terra vai para o mal, e a gente, se fez bem, vai para a vida eterna, agora, se fez mal, a gente vai para o inferno*.

As crianças, em seu discurso, mostram uma idéia de resurreição ao falarem de uma outra vida. Para elas, a vida eterna dirige-se ou para o bem ou para o mal. Essa dupla direção está associada à vida terrena. Após a morte, o caminho do bem é trilhado como premiação por quem seguiu uma vida correta. Todavia, como sanção, para quem praticou o mal, só resta, após a morte, a via do mal.

Na *Meditação VI*, Bernardes<sup>22</sup> fala da morte como jornada para a eternidade:

*Irá o homem para a casa da sua eternidade: apontando nelas as condições que fazem temerosa esta jornada. (...) A jornada do homem para a eternidade é muito para temer-se pelas razões seguintes: I. Porque é forçosa (...) II. Porque é solitária (...) III. Porque é irrevogável, e vai para a eternidade, de onde não há de tornar, e não sabe qual eternidade, se a glória, se a de tormentos.*

Para Simmel<sup>5</sup>, essa perspectiva de morte é o grande paradoxo do cristianismo, que tira da morte a significação de dar forma à vida, colocando esta sob o ângulo de sua própria eternidade. Uma vez que há prolongamento da vida após a morte, e os conteúdos da vida dependem do destino eterno da alma, a morte pode parecer vencida. Na medida em que a vida ultrapassa o limite formal do fim, há negação da morte. Desse modo, a vivência *aqui* determina a vivência *lá*. Podemos dizer que vida e morte não se distanciam: uma é extensão da outra. Então, não há limite. A partir daí, é possível dizer que a vida, ao se estender após a morte, faz com que esta seja negada.

Além da caminhada para a vida eterna, as crianças falam da morte como encontro com Deus e reencontro com parentes mortos, pessoas queridas e, até mesmo, com pessoas desconhecidas.

Diz a C9: *Eu acho que é o seguinte, que a morte é o caminho pra vida eterna, ou um caminho que a gente pode visitar os nossos parentes, como meu pai, quando ele morrer, vai para o caminho da vida eterna para visitar o pai dele que morreu de câncer, e eu, quando eu morrer, vou visitar ele também. Vou visitar minha mãe, que pode morrer, minha bisavó e muita pessoa que eu ainda não conheci*.

A C13: *A morte, para mim, é uma coisa muito boa, porque, quando a gente morre, os nossos pais, depois de algum tempo, também morre, e a gente pode vê ele*.

A C1: *A morte, para mim, é a volta a casa do Pai. Porque os pais daqui da Terra são adotivos, e o verdadeiro Pai é o que tá lá em cima*.

A C4: *Quando uma pessoa morre, ela fica perto de Jesus e perto de Jesus a pessoa sossega e repousa. A morte é um repouso*.

A C1: *Aqui a M. M., que é minha colega, encontrando com Deus, mas não é só ela M. M., todos encontram Deus quando vão ao céu*.

A C3: *Quis dizer que é como se tivesse Deus lá no céu, e eu estivesse do lado dele*.

Para as crianças, a morte é passagem que permite acesso à vida eterna. Possibilita não só o encontro com Deus, mas também o reencontro com pessoas que já morreram. Entendemos, assim, que a vida é um intervalo, e a morte, uma passagem. Vida e morte não são separadas, mas complementares. Entre a eternidade e a vida terrena, o nascimento e a morte não são mais que passagens, estando, portanto, ligados.

O discurso de uma única criança traz o significado da morte como aprendizagem de novas vidas. Diz a C18: *A morte, para mim, é uma coisa que a gente morre para aprender outras vidas, para reencarnar de novo. A gente morre quando a gente precisa, quando Deus quer*.

Na pessoa, ela situa a morte como necessidade, e, em Deus, é querer. Para ela, há uma sucessão de vidas, com conseqüentes mortes. Nesse processo de reencarnações, a morte possibilita a aprendizagem.

- *Considerações Finais*

Com o intuito de finalizar este trabalho - porém, não com o de esgotar o tema -, gostaríamos de dizer, como Thomas, que a morte não nos deixa indiferentes, mas nos horroriza e fascina. Horroriza-nos porque nos aparta de quem amamos; é fascinante porque nos renova. *É verdade absoluta dizer que, se amamos a vida, e não amamos a morte, é que não amamos verdadeiramente a vida*<sup>6</sup>. O estudo do significado expresso pelas crianças entrevistadas sobre o tema da morte permite-nos dizer que também elas não são indiferentes ao fenômeno.

Atkinson e Murray<sup>30</sup> afirmam que a criança, até os 3 anos de idade, não compreende o conceito de morte: confunde morte com sono. Entre os 3 e os 6 anos, começa a compreender o conceito, mas não aceita a irreversibilidade da morte. Aos 6 anos, já sabe que vai morrer um dia, e começa a ver a morte como parte do ciclo da vida, e, não, como uma punição ou o resultado de uma violência.

Como enfermeiras, professoras, pesquisadoras e mãe, acreditamos que não há como ensinar às crianças o que é a morte. Existem, porém, meios de se trabalhar a questão, principalmente a partir da idade de 6 anos, quando a criança começa o processo de escolarização e já compreende o significado da existência da morte no seu mundo. Acreditamos, também, que o tema da morte pode ser discutido com as crianças sem que seja necessário fantasiar ou ocultar a verdade, possibilitando que elas formem uma atitude positiva em relação ao viver e ao morrer.

Para Thomas, a tanatologia, além de possibilitar estudos em visões múltiplas e análises em campos variados, visa, também, a fins práticos. Entre eles, o da desmistificação da morte, o que implica, segundo o autor, a educação infantil, de modo que os homens *possam não somente viver decentemente mas morrer dignamente*.<sup>6</sup>

Se é verdade que os adultos resistem a falar da morte para as crianças, é na enorme produção ligada ao entretenimento infantil que a morte se vai revelando. Diversas formas de lazer onipresentes na vida da criança tratam, direta ou indiretamente, da morte. Do levantar ao deitar, a criança é bombardeada por esse tipo de produção. Façamos dela nossa aliada.

Diatkine diz que a criança tem enorme atração por fantasmas. Segundo o autor, as crianças não o dizem claramente, mas o fascínio por esse tipo de personagem está ligado à questão da morte. Nesse sentido, faz referência ao conto dos Irmãos Grimm intitulado *A amoreira*, em que a madrasta mata o menino e o prepara para o jantar do pai. A irmã junta os ossos e os enterra. A criança morta transforma-se em pássaro que canta sempre a mesma canção.

Esse tipo de história, por mais cruel que possa parecer, atrai enormemente as crianças; hoje, sobretudo, na tela do computador: há jogos computadorizados para crianças a partir de 3 anos de idade.

Este trabalho trouxe-nos alguma compreensão sobre o significado da morte para a criança escolar. Uma outra interroga-

ção, porém, insinua-se em nossas reflexões: de quem é que o adulto está escondendo a morte?

### Summary

*The death of a child, made us to meditate about our own experiences with child and death. The classmates of this child organized themselves and made, spontaneously, a sorrow manifestation to the child's relatives during the deathwatch and the burial, although they didn't have most of their relatives support. It seems that it is common to adults the deny behavior about death to children. How do they frequently live with death? What is the meaning of death to them? Focus on this questions we made the purpose of this work: to understand the meaning of death to school children who lived with the death of a classmate. Their speech at the beginning seems to us that they had religious matrix. After a lot of readings, new interpretation were possible, and they had showed us others signification inherent from the human beings.*

**Key words:** Death; Attitude to Death; Parent-Child Relations; Child Behavior

### Resumen

*La muerte de una niña nos llevó a reflexionar sobre nuestras experiencias con niños y con la muerte. Los colegas de clase de la niña, espontáneamente, se organizaron e hicieron una manifestación de pesar durante el velatorio y el sepultamiento, empero no tuviesen el apoyo de la mayoría de los padres. Parece que es corriente, entre adultos, el comportamiento de negar la existencia de la muerte para los niños. ¿cómo, en el cotidiano ellos viven con la muerte? ¿cuál es el significado de la muerte para ellos? Teniendo en vista esas interrogaciones formulamos el objetivo del presente trabajo: comprender el significado de la muerte para los niños en edad escolar que vivieron la pérdida de un compañero. El discurso de ellos, en primer enfoque nos pareció de matiz estrictamente religioso. Después de varias lecturas, nuevas interpretaciones fueron posibles, descubriéndose otros significados inherentes a la existencia humana.*

**Unitermos:** Muerte; Actitude Frente a la Muerte; Relaciones Padres-Hijo; Conducta Infantil

### Referências Bibliográficas

1. Priszkulnik L. A criança diante da morte. *Pediatr Mod* 1992out.; 28(6): 409-96.
2. Kubler-Ross E. Morte: estágio final da evolução. Rio de Janeiro: Record, 1975.220p.
3. Boemer MR. A morte e o morrer. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989. 135p.
4. Rezende ALM et al. Ritos de morte na lembrança de velhos. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996. (Série Enfermagem).



5. Simmel G. La tragédie de la culture et autres essais. Paris: Rivage, 1988. Métaphisique de la mort. p.167-176.
6. Thomas LV. La mort. Paris: Puf, 1991. 128p.
7. Heidegger M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes, 1990. Parte III.
8. Lauwe M-JCD. L'enfant et les grands problèmes métaphysiques. Parte III. La mort et sa signification. In: Lauwe M-JCD. Un monde autre: l'enfance; de ses représentations à son mythe. 2<sup>nd</sup> ed. Paris: Payot, 1979. Cap. XIII. p. 389-96.
9. Cruz M. et al. Criança e doença fatal. São Paulo: Sarvier, 1984. 128p.
10. D'assumpção GM. Pingo de luz. 6<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 1989. 43p.
11. Feifel H. Morte; variável relevante em psicologia. In: May Rollo (Org.) Psicologia existencial. 5<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988. Cap. III, p.67-82.
12. CD-ROM Mortal Kombat 2. Acclain.
13. Altman F. Entrevista: René Diatkine. Histórias sem fim. Veja, São Paulo, 17 mar. 1993:7-9.
14. Brincando no cemitério. Diário do Nordeste, Fortaleza, 5 jun. 1994. Caderno Infantil. p.03.
15. Grimm WJ. João e Maria. Adaptação Tatiana Belinky. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
16. Andersen HC. A sereiazinha. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1993.
17. Grimm WJ. Branca de Neve. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1993.
18. Emediato FL. Eu vi mamãe nascer. 2<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Comunicação, 1977. (Coleção do Pinto)
19. Madler T. Por que vovó morreu? São Paulo: Ática, 1991. (Série Sempre Viva).
20. Gasparzinho, o fantasma da camarada. Direção de Brad Silberling. EUA, 1995.
21. Souza M. Penadinho em Lindolfo, o enrolão. Mônica 1997; (128): 43-8.
22. Bernardes MP. Exercícios espirituais e meditações da via prugativa: sobre a malícia, vaidade do mundo, misérias da vida humana & quatro novíssimos do homem... Divididas em duas partes escritas por Manoel Bernardes. Lisboa: Na Oficina Miguel Deslandes, 1686.
23. Montanari R. Gibis e desenhos brincam com a morte. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 maio 1994. Sexto Caderno, Folhinha: A turma do além, p.6.1-6.12.
24. Thomas L-V. Mort et vie quotidienne (La logique de la vie). Cah Int Sociol 1983; v.74.
25. Chevalier J, Gheerbrant A. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números. 9<sup>a</sup> ed. rev. aum. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995. 996p.
26. Durand G. Les structures anthropologiques de l'imaginaire: introduction à l'archétypologie général. 10<sup>a</sup> ed. Paris: Bordas, 1984. 536p.
27. Barnuevo FP. Tratado y Svma de todas as leys penales, canonicas, ciuiles u destos Reynos de mucha utlidad y prouecho: no solo para los naturales de ellos, pero para todos en general. Primeira e Segunda parte. Lisboa: Antonio Alvarez, 1615. 279p.
28. Thomas L-V. Divagations (sans ordre) sur quelques figures de la mort. Bélgica. Rev L'Univ Bruxelles: Le corps-spectade. 1987; (3-4): 17-36.
29. Menahen R. La mort apprivoisée. Paris: Editions Universitaires, 1973. 170p. (Collection "Je").
30. Atkinson LD, Murray ME. A morte In: Fundamentos de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. Cap. 15: 194-202.